

FRANCISCO DE OLIVEIRA
PAOLO FEDELI
DELFIN LEÃO
Coordenadores

O ROMANCE ANTIGO

ORIGENS DE UM GÉNERO LITERÁRIO



Universidade de Coimbra



Università degli Studi di Bari

COIMBRA
2005

HISTÓRIAS “MAIS QUE VERDADEIRAS” DE LUCIANO OU DE VOLTAIRE

JOÃO DOMINGUES

Universidade de Coimbra

“Odeio os fanfarrões, os charlatães, mentirosos e orgulhosos”, terá dito Luciano ... mas ele próprio exímio contador de histórias!

“Ah!, se precisamos que nos contem histórias, pois que ao menos elas sejam emblema da verdade! Aprecio as histórias dos filósofos, acho graça às das crianças e odeio as dos impostores”¹, afirma Voltaire.

Mas então que contam, como o fazem e de que meios se servem para contar as suas histórias, Luciano, o “Voltaire grego”, e Voltaire, o “Luciano francês”? Que terá escrito Luciano : coisas verdadeiras? Mas o que são coisas verdadeiras? Relatos históricos de acontecimentos reais? E sonhos, não os há que sejam verdadeiros? Verdadeiros sonhos...

Embora tenhamos centrado a nossa atenção na *História verdadeira*, de Luciano, partimos também do princípio de que, no cômputo geral da sua obra, Luciano, mais do que autor *Alêthôn Diêguêmátôn*², é antes autor-narrador-e-protagonista de uma só *Alêthê Istoría*³, a história do seu pensamento. Deste modo, as inúmeras narrações e descrições, tenham elas surgido em forma de historietas ou de contos, de diálogos ou monólogos, ou de viagens mais ou menos romanceadas, neste e noutros mundos, são sempre reflexos policromá-

¹ “Ah! s’il nous faut des fables, que ces fables soient du moins l’emblème de la vérité! J’aime les fables de philosophes, je ris de celles des enfants, et je hais celles des imposteurs...”. Voltaire, *Ingénu*, chap. XI, éd. Bordas, p. 60.

² “de narrações verdadeiras”.

³ “de uma história verdadeira, mais propriamente de uma busca verdadeira”.

ticos do seu pensamento. Como ele se situa nas origens do romance é o que veremos já a seguir.

Por volta de 165 da nossa era, Luciano, natural de Samóssata, estabelece-se em Atenas e, tendo renunciado àquilo a que chamava “mentiras da retórica e dos tribunais”, consagrou-se à redacção das suas obras nas quais troça efectivamente da retórica dos filósofos e de outros charlatães, atraindo à sua volta os espíritos mais livres da cidade. Agitador de ideias e criador de formas, panfletário, moralista e contador de histórias sem igual, Luciano ficou a dever o enorme sucesso a uma fantasia inesgotável, sempre pronta a revelar todos os absurdos da vida e do mundo; teve essencialmente o dom de unir em um só o espírito mordaz e a clarividência, a ironia e a firmeza do pensamento de forma tão própria que só em Voltaire encontrará um digno seguidor.

Ora Luciano não foi certamente o primeiro entre os antigos a narrar viagens imaginárias⁴, mas foi com certeza o primeiro a fazê-lo com uma intenção deliberadamente satírica. Seja como for, a sua *História Verdadeira* é hoje a única no género, que conservamos da Antiguidade. Por conseguinte, a *História Verdadeira*, de Luciano, assim chamada certamente por antífrase, constitui, pois, para as narrações de viagens imaginárias, um modelo no género.

É certo que a *História Verdadeira* não é a *Viagem à Lua*, de Cyrano de Bergerac, com as suas imaginativas explicações a que hoje chamaríamos, sem hesitação, ficção científica; e ainda menos uma tese científica como acontece em algumas viagens de Júlio Verne⁵. Também não encontramos nela a elevação moral de Robinson⁶, como não lhe vislumbramos a sátira política e social de Gulliver⁷. A *História Verdadeira* é antes uma sátira literária e uma vingança da crítica sobre o discurso fantasioso da História e das histórias mais ou menos romançadas que se faziam passar por verdadeiras. É o próprio Luciano que previne o hipotético leitor de que, de tudo o que escreve, nem um só

⁴ Cita-se, por exemplo, um romance sobre *As Maravilhas dos países para lá do Thulé* (isto é, para lá do limite ocidental do mundo explorado) de António Diógenes, que vivera um século antes de Luciano.

⁵ Júlio Verne foi o criador do tipo de romance científico de antecipação. As suas obras mais conhecidas são: *De la Terre à la Lune* (1865); *Vingt Mille Lieues sous les mers* (1870); *Le tour du monde en quatre-vingts jours* (1873); *Michel Strogoff* (1876).

⁶ Robinson Crusóe, herói do romance de Daniel Defoe, intitulado *La vie et les étranges aventures de Robinson Crusóe* (1719).

⁷ Gulliver é o herói do romance *Les voyages de Gulliver* (1726), de Swift. O romance narra um longo périplo por regiões imaginárias, habitadas por povos estranhos e com hábitos ainda mais estranhos, onde é manifesta a crítica da sociedade inglesa daquela época.

passo existe que não faça alusão a fantasias ou ficções publicadas em tom sério, por poetas, filósofos ou mesmo historiadores; e cita nomes: as narrações que Ulisses faz em casa de Alcínoo - pura fantasia -, as de Iambulô sobre o Oceano que nunca percorreu, as de Ctésias de Cnide sobre a Índia onde nunca estivera, e assim por diante. Ridiculiza, pois, o pretensão realismo de tais ficções e, simultaneamente, com uma rapidez e uma concisão surpreendentes, transporta o leitor sobre mares cheios de maravilhas, ou através do espaço, até à Lua, ou até ao Sol para, num ápice, voltar à Terra. Tendo em conta que Luciano partilha a concepção popular relativa à forma do mundo segundo a qual a Terra era como uma bolacha flutuante no oceano, que por sua vez tocava o céu na linha do horizonte, e que Luciano dá vida, na sua narração, a todas as superstições e sonhos relativos ao extremo Ocidente que habitavam o imaginário popular, resumiríamos assim este tão atribulado périplo:

- Luciano, o narrador-autor, e também protagonista, embarca com um grupo de amigos fiéis; depois de uma pequena escala numa ilha onde encontraram marcas da passagem de Hércules e Dioniso, a embarcação é apanhada por uma enorme tempestade e é levada até à Lua. Aí são acolhidos amigavelmente por Endimião, o rei, a quem ajudam na guerra contra Faetonte, o rei do Sol. Partem, depois, novamente, fazem escala na “Ilha das Lanternas” e daí vão parar ao ventre de uma baleia gigantesca; lá dentro encontram um velho de quem se tornam amigos e com ele lutam contra os maus daquele “pequeno universo”.
- O segundo livro começa com a fuga do ventre da baleia, e as aventuras continuam: navegação sobre o gelo, escala na “Ilha de queijo”, encontro com os homens “pés-de-cortiça”, e chegada à Ilha dos Bem-aventurados onde os navegantes assistem a alguns julgamentos e ajudam até na luta contra os Ímpios revoltosos. Seguidamente param na ilha dos Sonhos e depois também em Ogígia, onde encontram Calipso a quem entregam uma carta de Ulisses. Retomada a viagem, os encontros exóticos sucedem-se : primeiro com as “Abóboras-Piratas” e com as “Nozes-Nautas”, avistam o enorme ninho de Alcião, navegam sobre uma floresta, enfrentam os “Cabeças-de-Boi” e encontram “Homens-barcos” que fazem do membro viril o seu mastro, e outros que navegam sobre peças de cortiça atreladas a golfinhos. A sua última escala é feita na ilha das “Patas-de-Burro”, mulheres canibais. E, por fim, tal como havia come-

çado, a narração termina referindo uma tempestade que os trouxe de volta à terra. Luciano, narrador-autor, promete ainda narrar o que lhes aconteceu depois em terra, em mais livros que, ao que tudo indica, nunca escreveu.

Trata-se, pois, de uma história puramente ficcional, diversão de pura fantasia, mas com não poucos laivos de crítica, verdadeira esta, constituindo mesmo o cerne ideológico de toda a narrativa. Fantasia que o mais conhecido tradutor de Luciano, N. P. d'Ablancourt⁸, não só traduziu, em 1654, adaptando-a ao gosto e à moral da França de Seiscentos como até "lhe deu continuação" ao aceitar publicar, junto com a sua tradução, um "Suplemento", em dois livros, da autoria de N. Frémont⁹, dando assim cumprimento à falsa promessa de Luciano. História fantástica de uma viagem original que subjaz ao romance de ficção e de viagens imaginárias e que, de Rabelais a Voltaire, passando obrigatoriamente por Cyrano de Bergerac, Swift e Holberg¹⁰, arrastou consigo nomes que ficaram para sempre ligados à história da Literatura de "viagens imaginárias". É esta, resumidamente, a fortuna da *História Verdadeira*, de Luciano.

I. O "Suplemento" à *História Verdadeira*, de Nicolas Frémont d'Ablancourt.

Desde o ano da primeira publicação da tradução para francês das Obras Completas de Luciano, por Perrot d'Ablancourt, surge, em jeito de imitação da *História Verdadeira*, o supracitado "Suplemento", em dois livros, que o autor do Prefácio justifica do seguinte modo:

"Tendo Luciano dito no final do segundo livro desta *História* que ia descrever, em seguida, as maravilhas que encontrara no

⁸ A *História Verdadeira* foi, pela primeira vez, traduzida para Latim por Lillius Castellanus (Nápoles, 1475).

⁹ A coincidência do nome de família fez perdurar a ideia de que o "Suplément en deux livres" seria da autoria do tradutor Nicolas Perrot, Sieur d'Ablancourt, tanto mais que ele mesmo publica em Amsterdão, em 1707, num único tomo os quatro livros da *História Verdadeira*. Na realidade, o autor do dito "Suplemento" é Nicolas Frémont d'Ablancourt, sobrinho do tradutor, a quem este tencionava, decerto, lançar assim no mundo das Letras.

¹⁰ Cf.: ROBINSON, Chr., *Lucian and his influence in Europe*, Duckworth, London 1979, pp.129-144.

O barão e escritor Dinamarquês Ludwig Holberg é autor de narrações de viagens imaginárias, numa obra originalmente publicada em Latim, em 1741, intitulada *Niels Klim's Subterranean Journey*.

‘novo mundo’, o que não encontramos, ou porque os livros se perderam ou por outra razão o autor quis lançar-se [a exemplo de Luciano] em aventuras estranhas e inauditas. Mas como não há nada mais fácil do que fingir coisas **sem nenhum fundamento na Razão nem na Natureza**¹¹, não julgou dever imitá-lo nesse ponto; por isso nada disse que não tenha o seu sentido alegórico, ou alguma matéria instrutiva, sempre misturada com o prazer.”¹²

Ora é quase certo que não só Luciano nunca escreveu, de facto, o seguimento prometido da sua *História*, como nunca terá tido sequer essa intenção, não passando a promessa de um mero artifício literário de que, aliás, Luciano não é o único a servir-se.

Quanto à justificação apresentada para a criação deste suplemento, ela é da autoria de d’Ablancourt que, deste modo, tenta lançar no mundo das Letras o sobrinho Nicolas Frémont, autor não só deste texto como também de um poema¹³, um e outro textos – e o autor com eles – sem grande futuro no mundo literário. O dito suplemento em dois livros poderia resumir-se da seguinte forma:

- No terceiro livro (primeiro do “Suplemento”), Luciano e os companheiros encontram no novo mundo uma região cultivada e povoada, mas não de homens, de animais; os viajantes, bem acolhidos pelos “animais nativos” e em comunicação perfeita com eles por intermédio do mais dilecto dos tradutores-intérpretes entre as espécies – o papagaio –, travam com eles conhecimento e até os ajudam a lutar contra os seus inimigos, estes sim “Selvagens”, estes sim, com toda a aparência dos humanos, até que um dia surge a paz com Luciano a servir de mediador entre os Animais e os ditos Selvagens.
- No quarto e último, os navegantes encontram várias regiões com povos muito diversos: o país dos “homens de fogo”, o dos “adoradores de Ursos”, o país das medalhas, a ilha dos Poetas, a dos Pigmeus e, por fim, regressam à Grécia, mas não sem antes passarem pela ilha da Magia; e, como por magia, uma bela manhã, os navegantes encontram-se em suas casas, ainda deitados, como se toda esta viagem não tivesse passado de um sonho.

¹¹ Sublinhado nosso.

¹² *Lucien*, de la traduction de N. Perrot, Sr. D’Ablancourt..., 1664, p. 494.

¹³ O poema tem por título “Dialogue des lettres (*sic*) de l’Alphabet, où l’usage et la grammaire parlent”.

Ora, do ponto de vista formal, o texto em questão não tem qualquer originalidade e surge efectivamente como a simples continuação da *História Verdadeira*, de Luciano: os heróis são os mesmos e o mesmo é também o narrador-protagonista, Luciano. Continuam as aventuras por mar e terra, os encontros exóticos não param e os perigos e as surpresas também não. Por fim, o regresso ao país de origem realiza o fechar do círculo, dando assim cumprimento ao que fora prometido. O desenlace não surge, porém, com a intervenção de mais uma tempestade colossal e extraordinária – que aliás se coadunaria mal com o facto de estarmos já num mundo conhecido – mas antes pelo desfazer da ilusão – “tudo não passara de um sonho” – denunciando o artifício que terá conferido prazer à leitura e deixando agora ao hipotético leitor a ocasião de pensar que significado teria tudo aquilo.

Com efeito, é do ponto de vista ideológico e cultural que este “Suplemento” mais se afasta da matriz inspiradora, e é também por aí que podemos reconhecer-lhe algum valor original : deixa de ser uma simples imitação do autor grego para ganhar estatuto de alegoria crítica de e para o século XVII Francês ; são efectivamente permanentes as interferências político-ideológicas e culturais da França de Seiscentos e dir-se-ia mesmo que é dela e para ela que este *Suplemento* foi concebido. O espírito, porém, é bem o de Luciano : tão mordaz quanto lúcido, tão humorístico quanto crítico e derisório.

Refiram-se alguns desses elementos:

- a) O país cultivado e povoado que os viajantes encontraram era a “República dos Animais” onde encontram realizada a profecia bíblica de Isaías:

“viam-se de um lado, os cordeiros que pastavam junto com os lobos, de outro, falcões a voar por entre as pombas. Ali, cisnes que brincavam com serpentes; mais além peixes que nadavam entre castores e lontras.”¹⁴

Isto entre os animais, porque, quanto aos homens, os seres que mais se lhe assemelham são, como dissemos, os “Selvagens” que vivem não longe dali, mas estão em guerra permanente entre si e com

¹⁴ Lucien de Samosate, *Histoire Véritable*, 1787, p. 56.

Cf. : Isaías, 11,6-9 : “Então o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos, e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso, as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha com o boi. A criancinha brincará na toca da áspide e o menino desmamado meterá a mão na caverna da serpente. Não haverá dano nem destruição ...”.

os povos vizinhos. Ora, se o recurso à mitologia cristã denuncia a pertinência do texto e, diríamos mesmo, da mensagem por ele veiculada a um mundo bem diferente daquele para o qual Luciano escrevera, também não é difícil vislumbrar desde logo, nas entrelinhas, o amargor de um Francês de Seiscentos que, apesar de provinciano, conhecia bem a capital e todo o espírito guerreiro que foi apanágio da Coroa francesa daquela época.

- b) A “República dos animais” tivera como legislador um certo gnomo, de nome Esopo, ser de um conhecimento e de uma sabedoria admiráveis; foi ele quem ensinou os animais a amarem-se uns aos outros. O mesmo legislador estabelecera à frente deste povo, como Rei, a Fénix que renascendo ciclicamente das próprias cinzas evita, desta forma, os problemas da sucessão que sempre foram ocasião de guerras civis e de crimes de toda a espécie – entre os homens, entenda-se¹⁵; porque, entre animais, há-os até que são carnívoros confessos, mas alimentam-se de criminosos previamente condenados à morte e **nunca de vítimas inocentes.**¹⁶

A alusão ao mundo humano é, por vezes, tão directa que o próprio narrador chega mesmo a esquecer, decerto voluntariamente, que estava a falar de animais : por exemplo, quando a descrição de um jantar festivo resulta em paródia de um banquete da corte: basta referir o momento de entretenimento em que surgem “cãezinhos fardados a saltitar e a fazer piruetas...”, “pour l’amour des dames”¹⁷. No mesmo passo, uma série de outros momentos descritivos lembra, a todos os títulos, o “lever du roi”, o render da guarda, os lautos banquetes e tantos outros elementos do fausto da corte aqui asperamente ridiculizada.

- c) À “República dos Animais” onde as Aves governam chega um dia a andorinha, a tagarela ave de migração, com a notícia de que, nas regiões antípodas – e não é difícil adivinhar quais são –, os animais se revoltaram contra os Selvagens. De toda a luta, o mais assinalável era “a valentia, a obstinação, a coragem invencível destes seres na guerra”¹⁸; e caso nos restassem

¹⁵ Lucien de Samosate, *Histoire Véroitable*, 1787, pp. 57 sq.

¹⁶ Cf.: *Ibidem*, p. 60 ; sublinhado nosso.

¹⁷ Cf.: *Ibidem*, p.63.

¹⁸ Cf.: *Ibidem*, p. 76.

dúvidas sobre que espécie é esta assim tão feroz e belicista, logo ficariam sanadas ao revelar o narrador que a causa desta guerra fora um certo papagaio que fora contar àqueles animais o que se passava na “República das Aves” e os encorajou a libertarem-se, também eles, “do jugo dos homens”¹⁹. Para além disso, o próprio narrador, Luciano, que partira ao encontro dos beligerantes, não para participar na refrega, mas servindo de mediador para a paz, conta que começou por subir a uma árvore para observar bem a batalha e evitar que viessem a acusá-lo de ter tomado o partido dos animais contra os homens²⁰. O mesmo narrador conta ainda, sem falso pudor e até com algum prazer, que a luta se saldou por uma clara vitória dos animais contra os humanos de quem fizeram “uma prodigiosa carnificina”²¹.

Diga-se, pois, que se o assunto é relativo à França – mais correcto seria dizer à Europa de Seiscentos –, para além da forma e até dos processos criativos como acontece com a criação do exotismo, é sobretudo a acrimónia de alguns passos mais engenhosos que revelam um espírito verdadeiramente lucianesco: a frieza crítica juntamente com a alusão que oscila entre o simples traço humorístico e o esgar sardónico contra os absurdos dos humanos, mais correcto seria dizer dos “Selvagens”, aproximam efectivamente alguns momentos desta narração do consagrado “spudoguélion” (sério-cómico) lucianesco que, apesar de mais característico dos *Diálogos dos Mortos*, também podemos pressentir em alguns passos da *História Verdadeira*.

O *Suplemento* em questão resulta, pois, num verdadeiro pastiche cuja construção basilar – dizer da mesma forma que Luciano coisas outras “com significado” para o Século Francês – se desenvolve num discorrer nem sempre engenhoso de um discurso metafórico sem grande novidade imaginativa, pois que o tipo de fantasia era já esperado visto tratar-se de dar continuação à *História* de Luciano, e a alusão a factos e ideias coevas é tão óbvia que não surpreende a mente mais incauta. Reconhecemos, pois, que o desejo do autor de nada dizer que não tivesse “o seu sentido alegórico” foi executado, mesmo se à

¹⁹ Cf.: *Ibidem*, p. 76.

²⁰ Cf.: *Ibidem*, p. 78.

²¹ Cf.: *Ibidem*, p. 81.

custa de alguns momentos de menor elevação literária. Quanto aos anunciados “respeito pela Razão” e “conformidade com a Natureza” com que argumentava o prefaciador, em jeito de elogio autoral, eles surgem como freios limitando a imaginação, mas longe de criar verossimilhança, geram ainda maior artificialidade. Trata-se, com efeito, de duas grandes máximas clássicas, mas que sozinhas não perfazem os requisitos indispensáveis à criação de uma obra literária, e de nada valem quando o génio está ausente! Recorrendo a uma imagem familiar à crítica daquela época, diríamos que, na criação literária como em qualquer outra arte, os grandes princípios, por mais válidos, imprescindíveis, e até sagrados que sejam, são como os alicerces numa construção: mal começa aquela que não assenta em alicerces seguros, mas pouca beleza terá se, depois de acabada, os deixar à mostra.

II. Rabelais

Mas a influência da *História Verdadeira*, de Luciano, não se limitou ao eclodir de alguns “pastiches” como este que referimos, de Nicolas Frémont, e muito menos esperou pelo século XVII para servir de matriz inspiradora na criação de histórias e viagens imaginárias. Sabemos como na *História Verdadeira*, de Luciano, a passagem pela Lua, neste longo périplo todo ele feito de fantasia, constitui, por um lado, um momento crucial e um lugar propício para observar e satirizar o comportamento humano na Terra. Por outro, a passagem pelo mundo dos mortos comporta essencialmente momentos de comicidade e derisão. Ora o leitor, e hipotético imitador, tinha, desde logo, à sua escolha ou enfatizar o imaginário ou privilegiar a sátira. E, com efeito, desde a Renascença, com a descoberta do Novo Mundo e a voga da “narrativa de viagens”, nada existe de mais comum do que a referência, mais ou menos directa ao autor da *História Verdadeira*²². Impunha-se-nos, desde logo, pelo menos uma palavra prévia sobre Thomas More, quer enquanto tradutor de Luciano, quer como autor da *Utopia*, pela importância que tiveram na expansão do Lucianismo na Europa e concretamente em França.²³ Lembre-se apenas que se as suas traduções foram editadas repetidamente, a sua *Utopia*, quer formalmente quer

²² Cf. : ROBINSON, Chr., *Lucian and his influence in Europe*, p. 130.

²³ Rabelais, por exemplo, chama ao seu *Pantagruel* “uma Utopia”, e conhecia com toda a certeza a *Utopia*, de Thomas More.

tecnicamente, muito importa de Luciano: desde o sarcasmo contra os advogados ou a invectiva contra o espírito mercenário até ao simples recurso aos nomes falantes, simultaneamente cómicos e satíricos²⁴, tudo nele lembra Luciano²⁵. Em França, de Rabelais a Cyrano de Bergerac, e deste a Voltaire dir-se-ia que estamos perante autores plenamente impregnados da leitura e do espírito de Luciano. Para aproximar Luciano e Rabelais, basta lembrar, por um lado, a sua famosa declaração: “le rire est le propre de l’homme” e recordar, por outro, a sua imaginação inesgotável e sem freio de espécie alguma (mas não sem frequentes alusões a elementos da realidade)²⁶: feiticeiros, animais monstruosos e gigantes descomunais, a começar pelo herói Pantagruel. Abordemos apenas dois exemplos da presença directa da *História Verdadeira* nos seus escritos.

a) O primeiro, e talvez o mais evidente, é a proximidade inequívoca existente entre a “vida no ventre da Baleia” e o conteúdo do Cap. XXXII do *Pantagruel* de Rabelais, intitulado “Acerca do modo como Pantagruel, com a língua, protegeu toda a armada e sobre o que o autor viu dentro da boca do Gigante”²⁷.

Com efeito, Rabelais aumenta inesperadamente as dimensões do seu gigante a quem basta estender a língua para proteger todo o seu exército de uma chuva torrencial. Rabelais-narrador – e também aqui a similitude é completa – deixa-se engolir por Pantagruel e descobre na sua boca um outro universo; é o tema da pluralidade dos mundos já explorado por Luciano e mais tarde retomado por Fontenelle e Voltaire.

A narração começa com a chegada de Pantagruel e do seu exército à terra dos Dipsodas, onde é bem recebido por todos menos pelos

²⁴ Por ex.: *Hythlodæus* é, como o próprio nome diz, um “distribuidor de sem-sentido”.

²⁵ Acerca dos nomes falantes em Th. More: ROBINSON, Chr., *op. cit.*, p. 132.

²⁶ São frequentes as alusões a acontecimentos seus contemporâneos, a referência a lugares concretos da sua região de Chinon, de Poitiers e de Paris, de modo muito especial do Quartier-Latin.

Das longínquas viagens que realizam os seus heróis, Pantagruel, por exemplo, embarca em Honfleur para Porto Santo, Madeira, Canárias, etc., precisamente o itinerário dos navegantes portugueses indicado por Sébastien Münster na Introdução do seu *Novus Orbis*, 1532. Mas, ao mesmo tempo, para chegar a Utopia, Pantagruel passa por *Méden* (Nada), *Uti e Uden*, etapas imaginárias de uma capital ilusória.

²⁷ «Comment Pantagruel de sa langue couvrit toute une armée, et de ce que l’auteur veit dedans sa bouche».

Op. cit., p. 409.

“Almyrodas” – palavra grega que significa “Salgados” – que fizeram questão de se lhe opor. É no momento de avançar para a luta que sobrevem uma chuva torrencial, mas Pantagruel, que vê por cima das nuvens, diz-lhe que aquilo não passa de um orvalhito e ordena que continuem a avançar enquanto ele os abriga estendendo a língua. “Entretanto”, diz o narrador, “eu que vos conto esta história tão verdadeira”, trepei por ele acima, depois “caminhei duas boas léguas pela língua dentro até que entrei na boca dele”²⁸.

Dentro da boca do Gigante, o narrador “caminhando como se estivesse em Constantinopla, encontra grandes rochedos semelhantes aos montes dinamarqueses²⁹, grandes prados, grandes florestas, cidades fortes e grandes,...”; “Júpiter me parta com o trovão de três raios se estou a mentir”, acrescenta.

O primeiro ser que encontra neste “novo mundo” é um homenzinho que plantava couves e que assim ganhava a sua vida indo vendê-las ao mercado da cidade situada ali por detrás; passo em tudo semelhante ao encontro dos navegantes, na barriga da Baleia, com o velho cultivador de legumes e que, por seu lado, só não negocia com a cidade situada bem por detrás dele porque ali vivem os “Salmoeiros”, gente muito aguerrida, violenta e canibal.³⁰ Teve mais sorte o homenzinho habitante da boca do Pantagruel pois que a cidade vizinha, chamada Aspharage, isto é, em grego, cidade da goela, eram cristãos e gente de bem.

Tal como no ventre da baleia, também os habitantes da boca de Pantagruel se podem dedicar à caça dos pardais que vêm do “outro mundo” quando o Gigante abre a boca; tal como a baleia. E tal como os habitantes do ventre do gigantesco cetáceo, os da boca de Pantagruel correram grande perigo e muitos morreram mesmo, por causa de um cheiro tremendamente fétido e pestilento que na Baleia indicava a morte do Bicho, já em decomposição, mas que no Gigante era apenas temporário visto que ficou a dever-se a um molho de alho que Pantagruel tanto apreciou na boda do casamento do rei Anarca.

Por fim, tendo fruído do bem-estar, do bom clima e das boas vinhas, dos mais belos lugares do mundo, Rabelais decidiu então compor um grande livro intitulado *História das Gargantas*, uma vez que ainda ninguém tinha escrito sobre este país composto de mais de vinte

²⁸ *Pantagruel*, p. 411.

²⁹ Não existem montes na Dinamarca! Suponho que eram os dentes.

³⁰ *História Verdadeira*, de Luciano, ed. Bilingue (tradução de Custódio Magueijo), p. 48.

e cinco reinos habitados, sem contar os desertos e um largo braço de mar, e porque é bem verdade o que se diz quando se afirma que metade do mundo não sabe como vive a outra metade.

Depois de narrar mais algumas aventuras, Rabelais-narrador despede-se com desenvoltura do hipotético leitor prometendo-lhe para mais tarde a continuação. O mesmo havia feito Luciano, apenas com a diferença de que Rabelais cumpriu a promessa narrando, entre outras coisas, novas viagens.

b) O segundo caso explícito da presença da *História Verdadeira* encontramos-lo quase no final do *Tiers Livre*, quando, deliberando acerca da viagem, Panurge propõe que se passe através do “pays de Lanternoys”, - o país das Lanternas da *História Verdadeira* (livro I) -, que os novos navegantes acabarão por alcançar já quase no final do *Cinquiesme Livre*. Com efeito, no “pays des Lanternoys”, os heróis são bem tratados pelas Lanternas, e o país é como outro qualquer. É uma Lanterna que conduz os viajantes ao templo da Garrafa, “La Dive Bouteille”, que profere o tão procurado oráculo: “Trink”, isto é, “bebam”; e mais não disse.

Note-se, por fim que, tal como na *História Verdadeira*, a mais larga fantasia é, a cada passo, compensada pela observação simples e cheia de realismo; tal como é fácil entrever no texto de Luciano, também em Rabelais, aliás como também em Thomas More, encontramos claras dimensões de sátira e paródia que se diluem e afluem, a cada passo, na forma utilizada da “viagem imaginária”. O menos que se pode dizer é que Rabelais, digno imitador, desenvolveu o mesmo género na senda do mestre Luciano, mas sem se limitar ao acto da imitação deste seu “inspirador”.

III. Cyrano de Bergerac

Quanto à *Histoire Comique des états et des empires de la Lune et du Soleil*, escrita por volta de 1650, Cyrano de Bergerac inspirou-se certamente em Luciano, mas também na *Utopia*, de Thomas More, e nas obras de Rabelais, entre outros³¹. Se, no cômputo geral das influên-

³¹ Terá certamente lido, de Francis Godwin, *The Man in the Moon: or a Discourse of a Voyage Thither by Domingo Gonzales* que aliás foi traduzido para Francês em 1648 por J. Baudouin, ele próprio também autor de uma tradução de Luciano.

cias sofridas, melhor é dizer, das fontes inspiradoras, é difícil dizer qual terá sido mais ou menos importante, o certo é que alguns passos são inteiramente lucianescos, alguns deles directamente tirados da *História Verdadeira*, se não vejamos:

Chegado à Lua, Cyrano, autor-viajante e narrador – tal como Luciano –, é observado pelos Selenitas (os habitantes da Lua), seres superiores, que chegam à conclusão de que este visitante aventureiro deve ser uma espécie de “fêmea do animalzinho de estimação da rainha da Lua” – o animalzinho era um espanhol. A morrer de fome, Cyrano aproxima-se da mesa para onde fora conduzido por criados, mas nada vê sobre ela, muito embora sentisse “o odor do mais succulento manjar que nunca o Rico avarento cheirou”³². E como quisesse saber onde se encontrava a comida, é então que o criado lhe explica o hábito que os Selenitas tinham de se alimentarem apenas de odores, para quem “o nariz, sem o concurso dos dentes nem da garganta [faz] o ofício que no homem pertence à boca”. Apesar da estupefacção, o certo é que “em menos de um quarto de hora”, diz Cyrano, “me senti completamente saciado”³³.

Ora já em Luciano os Selenitas tinham este hábito alimentar: “acendem o lume e assam rãs na brasa [...]; e enquanto estas estão a assar, eles, sentados à volta do fogo, [...] inalam avidamente o fumo que se liberta e regalam-se com ele; é o seu alimento”³⁴, com todas as vantagens físicas que todos adivinhamos e que Luciano não se coíbe de explorar.

Outro momento verdadeiramente lucianesco é o que resulta da aproximação da descrição do Paraíso Terrestre, com a descrição dos Campos Elísios da *História Verdadeira*. Com efeito, ao chegar à Lua, Cyrano chegou a temer pela sua vida pensando que ia estatelar-se no chão; mas afinal acaba por cair sobre uma árvore cujos ramos frondosos o protegeram diminuindo o embate: era a Árvore da Vida e o lugar era o paraíso original, que não era terrestre mas lunar: a referência é paródica relativamente ao texto bíblico; depois o narrador compraz-se ainda numa longa e meticulosa descrição do lugar tão aprazível e extraordinário, passo que reflecte a veia da “preciosité” do autor e manifesta incontestável influência do *Roland Furieux*, de Ariosto (Canto XXXIV); mas é aos Campos Elísios da *História Verdadeira* que o passo mais deve e com o qual manifesta maior afinidade: é certo

³² Cyrano, *Les Etats et Empires...*

³³ *Ibidem*.

³⁴ *História Verdadeira*, pp. 37-39.

que Cyrano não se perde nas alusões hiperbólicas de Luciano com a referência às árvores que dão fruto todos os meses, ao cereal que em vez de espiga apresenta logo os pães feitos e cozidos, às quinhentas nascentes de mirra ou aos rios de leite ou de vinho; mas, tal como nos Campos Elísios da *História Verdadeira*, no Paraíso que Cyrano encontrou na Lua, os ventos são sempre Zéfiros amenos e brisas perfumadas; os delicados aromas emergem de todo o lado; os bosques e as pradarias têm um ar encantador e são povoados pelas mais belas aves canoras; enfim, Cyrano sente que, durante o pouco tempo que ali permaneceu, rejuvenesceu pelo menos catorze anos, que é bem melhor, admitamos, do que aquilo que acontece nos Campos Elísios onde simplesmente “ninguém envelhece, antes permanece com a idade que tinha ao chegar”³⁵. É, depois, relativamente aos habitantes humanos que os textos divergem pois que, se Luciano se compraz a parodiar a presença de heróis e filósofos, Cyrano mantém a paródia bíblica³⁶ referindo que, depois que Adão e Eva fugiram para a Terra, pois temiam o castigo de Deus por terem comido a maçã proibida, e, por isso, abandonaram o Paraíso, foi o seu descendente Enoc que, “aborrecido com a companhia dos homens”³⁷, aproveitou a boleia do fumo de uma vítima propiciatória e com ele subiu à Lua; mais tarde, Elias, instruído por um anjo, construiu um carro e também para lá foi; e até João, o discípulo preferido do Mestre, lá chegou, este transportado directamente pela vontade de Deus.

Por fim, se Luciano foi obrigado a abandonar os Campos Elísios por causa dos novos amores de Helena com um dos estrangeiros, também Cyrano por ter manifestado um espírito malicioso é punido e, repentinamente, o Paraíso desaparece-lhe da frente e ele fica só e entregue à ventura, até que a sorte lhe permita encontrar alguma companhia ou venha ter com ele a morte.

Claro se nos afigura, pois, que Cyrano se inspirou em Luciano: em primeiro lugar, do ponto de vista formal, ao escolher a “viagem imaginária” enquanto forma através da qual ataca e ridiculiza ideias científicas e crenças religiosas suas contemporâneas. Em segundo lugar, mais do que no longo repertório das similitudes textuais, Cyrano imita Luciano também do ponto de vista ideológico; note-se que, apesar de separados por quinze séculos, em ambos os autores a Terra,

³⁵ *Ibidem*, p. 66.

³⁶ Cyrano recorre à paródia da Bíblia para ridiculizar a crença religiosa, tal como Luciano ridiculizou a mitologia e os deuses do Olimpo parodiando e satirizando Homero e Hesíodo.

³⁷ Cyrano, *Idem*: “... ennuyé de la compagnie des hommes”.

vista da Lua, aparece como quase insignificante no meio deste universo onde o homem não é o único ser a poder usar da razão, e muito menos o mais evoluído. Mas uma leitura positiva é também possível:

- em Cyrano, como em Luciano, e depois também na Literatura de Utopia em geral, dá-se forma a velhos sonhos da humanidade, isto é, “fugimos da Terra e exploramos o Universo na busca de lugares onde se viva melhor do que aqui”.

IV. Voltaire

Finalmente, quanto a Voltaire, em boa verdade, um paralelo ideológico entre ele e Luciano não pode ser senão o resultado de uma perspectiva tendenciosa que projecta nas obras de Luciano as intenções de Voltaire.³⁸ Mas não é, por isso, menos significativa a influência de Luciano neste “esprit de bilan” do século das Luzes. Mais concretamente, os seus pequenos romances (mas grandes contos filosóficos) *Micromégas* e *Candide*, mais do que todos, mas também o *Ingénu*, muito devem a Luciano em geral e à sua *História Verdadeira* em particular.

Com efeito,

a) Se na *História Verdadeira* se apresenta uma viagem interplanetária, com passagem pela Lua a partir de onde a terra é observada na sua pequenez e a actividade humana satirizada, o conto *Micromégas*, de Voltaire, mais não é do que uma viagem dessas, apenas realizada em sentido inverso; e o resultado final é também o de uma enorme crítica simultaneamente contra a desmesurada pretensão humana e a insofismável pequenez do ser humano e da vida na Terra : trata-se da viagem de um habitante de um dos planetas de Sírius que se encontra com um habitante de Saturno e juntos se dirigem para mundos cada vez mais pequenos, até que avistam um pequeno clarão: era a Terra.

Diga-se que os habitantes de Saturno têm em média dois quilómetros de altura, possuem setenta e dois sentidos e se sentem, mesmo assim, muito limitados pois que a sua imaginação os faz ansiar por muito mais; para já não falar da efemeridade das suas vidas tão curtas que não ultrapassam, normalmente, os quinze mil anos. E compreendemos que o Saturniano se sintia assim envergonhado por causa da

³⁸ Cf. MAT-HASQUIN, M., *Voltaire et l'Antiquité Grecque*, éd. J. Touzot, Paris 1981. p. 96.

figura ridícula que faz diante de Micromégas, seu companheiro de viagem, que mede trinta e oito quilômetros, que possui cerca de mil sentidos e cuja esperança de vida é setecentas vezes mais longa.

Ora estes gigantes, ao constatarem as reduzidas dimensões da terra e ao observarem este “formigueiro” tão pequenino e tão cheio de irregularidades, logo se convencem que não deve ser habitado. Tudo lhes parece ridiculamente pequeno, mal construído, desordenado, mal desenhado, enfim um pequeno caos onde nunca aceitaria viver quem quer que tivesse um mínimo de bom senso. Mas pode bem acontecer, justamente, se sejam desprovidos de bom senso os seres que habitam este “planetazito”, retorquem a si próprios os viajantes em jeito de reflexão. Depois, movidos por um verdadeiro espírito científico, pegam num dos diamantes que traziam consigo, fazem dele uma espécie de microscópio, ajustam a focagem e logo descobrem um ser minúsculo, quase imperceptível, que se movia nas águas do oceano: era uma baleia. Movidos pela curiosidade, continuam a sua observação e logo descobrem outro serzinho, um pouco maior desta vez, que se movia também nas águas : tratava-se da embarcação de um grupo de filósofos que regressava de uma viagem científica ao círculo polar. Ora um microscópio que mal dá para avistar uma baleia ou uma embarcação não permitia vislumbrar seres tão imperceptíveis como os homens, comenta logo o narrador e acrescenta : “agora pensem os leitores no que diriam estes viajantes se lhes contássemos as batalhas que travámos para conquistar duas vilórias, que acabámos por devolver logo a seguir!”³⁹. Mais emocionante é o momento em que os viajantes conseguem descobrir que há homens dentro daquela “coisa minúscula” que era a embarcação: “Que prazer o de Micromégas ao ver estas *petites machines*, estes átomos em movimento! Mais ainda, Micromégas viu claramente que estes átomos se falavam; mas como é que isso era possível? Para falar é preciso pensar ; e se eles pensavam também deviam possuir algo de equivalente a uma alma : ora atribuir uma alma a uma espécie tão ridiculamente pequena parecia-lhe absurdo; que grandes mistérios esconde a natureza: não se pode mais afirmar nem negar seja o que for antes de observar estes “insectos” ao pormenor. Acontece que a admiração dos viajantes vai redobrar quando, por meio de uma espécie de funil, não só ouvem essas “traçazitas” a raciocinar de forma apurada como até entram em conversação com eles.

“Insectos invisíveis, que aprouve à mão do Criador fazer nascer no abismo do infinitamente pequeno”, diz Micromégas, dirigindo-lhes

³⁹ Voltaire, *Micromégas*, éd. Bordas, Paris 1984, p. 116.

a palavra. E como não sabiam de onde provinha tal voz logo o capelão do barco se pôs a recitar fórmulas de exorcismos, os marinheiros praguejavam, os filósofos faziam sistemas, mas nem uns nem outros adivinharam quem lhes falava. Então o Saturniano, com pena deles por serem tão pequeninos, modera a voz e pergunta-lhes se eles sempre estiveram neste estado tão miserável e tão próximo do aniquilamento total, o que é que eles faziam num globo que parecia pertencer às baleias, se eram felizes, se se multiplicavam... Mas, ao mesmo tempo, ouve-os a raciocinar de forma tão precisa e inteligente, que exclama :

“Ó átomos inteligentes, em quem aprove ao Ser Eterno manifestar o seu saber e o seu poder, deveis ter alegrias bem puras (...) com tão pouca matéria e manifestando tanto espírito deveis passar toda a vida a amar e a pensar; é a verdadeira vida dos espíritos. Ainda não vi, em parte alguma, a verdadeira felicidade”, observa o habitante de Saturno, “mas ela mora aqui, com toda a certeza”.

Então os filósofos abanam a cabeça e um deles mais sincero que os outros responde:

“... se exceptuarmos um pequeno número de habitantes pouco considerados entre nós, todo o resto é um conjunto de loucos, de maus e de infelizes. (...) à hora que vos falo, há cem mil loucos da nossa espécie, de chapéu na cabeça, que matam cem mil outros animais da mesma espécie que usam turbante, ou são massacrados por eles, e é assim por toda a Terra desde tempo imemorial”.

Ao ouvir tal relato, Micromégas teve logo vontade de esmagar, com três pontapés “todo este formigueiro de assassinos ridículos”, mas o filósofo explicou-lhe que não valia a pena, que mesmo que a espada não fizesse grandes estragos, sempre a fome, o cansaço e a intemperança se encarregam de os castigar. Mais, que se alguém devia ser castigado eram uns certos “bárbaros sedentários” que, de dentro dos seus gabinetes, enquanto fazem a digestão, ordenam a morte de um milhão de homens, e depois mandam agradecer a Deus, com pompa e circunstância.

A narração termina com esta longa conversa entre os extraterrestres e um punhado de filósofos, mas não sem os primeiros interrogarem os humanos acerca da essência humana, da vida, da alma, de onde tudo provém e para onde tudo se dirige. E aí a ousadia dos filósofos foi tal que os dois viajantes desataram às gargalhadas e quase sufocaram de tanto rir, “de ce rire inextinguible qui, selon Homère, est le partage

des dieux”⁴⁰. Não estão “à venda”, os filósofos de Voltaire, mas não são por isso menos dignos de compaixão. E, com efeito, antes de partirem, os extraterrestres indignados por estes “infinitamente pequenos apresentarem um orgulho quase infinitamente grande”⁴¹, mas apiedados com a condição miserável destas “petites mites”, prometem-lhes que não partirão sem lhes deixar um livro de filosofia para seu uso, onde verão “le bout des choses”. Os filósofos recebem o livro, dirigem-se a Paris, centro do Mundo, vão à Academia das Ciências, centro do Saber e, com toda a pompa e em grande solenidade, o Secretário abre o livro da revelação: **“Estava todo em branco!”**

Os viajantes partiram, pois, mais enriquecidos por terem descoberto mais este “pedacinho do universo” que constitui o mundo humano, e os humanos nem mais nem menos esclarecidos, a não ser que aceitem o livro branco desta revelação e, face ao riso dos deuses, que é inextinguível porque é pleno de conhecimento, diminuam o seu e antes aceitem a sua pequenez, limitação e impossibilidade de conhecer o que os ultrapassa. A propósito, entre o punhado de filósofos encontrava-se um que dizia, acerca do conhecimento humano: “não afirmo nada; contento-me em julgar que há mais coisas possíveis do que aquelas que julgamos”⁴². De Luciano ou de Voltaire? A questão permanece.

b) Outra narração curta, o *Ingénu*, de Voltaire – que é simultaneamente um conto filosófico, um romance de iniciação e um romance sentimental, é também não só a narração de uma viagem, como é uma história verdadeira, “Alêthê Istoría”: “Histoire véritable” é o subtítulo, onde se acrescenta ainda que foi tirada dos manuscritos do Père Quesnel, personagem histórica e sobejamente conhecida; só que a fama do referido prelado estava em ser autor de textos nada ortodoxos, e em ter merecido, por via disso, a prisão e até a condenação directamente vinda de Roma.

Ora, numa espécie de contrapeso preliminar, a tal “história verdadeira” inicia-se com a narração da chegada de um missionário às costas

⁴⁰ Voltaire, *Micromégas*, éd. Bordas, Paris 1984, p. 124.

⁴¹ *Ibidem*, p.125.

⁴² A mesma posição parece explícita no opúsculo “O Alcião ou a Metamorfose”: “la puissance des immortels est si vaste, l’homme, sujet à la mort, est si faible, si peu capable de connaître, par la contemplation, les grandes opérations de la Nature, et encore moins, les petites: nous sommes si peu instruits, même des choses qui se passent tous les jours sous nos yeux, que nous ne pouvons rien prononcer de certain...” » *Œuvres Complètes de Lucien de Samosate*, trad. de Belin de Ballu, Garnier Frères, Paris, s.d., t. I, p.61.

da Normandia : partira da Irlanda, por mar, a cavalo numa montanha; ao chegar à praia, desembarcou, abençoou a montanha, e mandou-a voltar à Irlanda pelo mesmo caminho⁴³. Ora, nada mais fantasista; mas o leitor constatará que é de uma história verdadeira que se trata, ou melhor, de uma história repleta de verdades, e verdades tão incômodas como as dos escritos do Père Quesnel. Quanto à estrutura narrativa, essa é feita de fantasia tão pura como a navegação de Luciano, a começar pela chegada do Prelado Irlandês cuja fé move montanhas a ponto de fazer delas o seu meio de transporte.

Ainda a propósito de História é tentadora a aproximação da crítica da História que é tecida neste conto com o que Luciano diz na sua *Maneira de Escrever a História* que, aliás, para alguns estudiosos tem na *História Verdadeira* uma evidente continuação em forma de paródia. Tal como Luciano, Voltaire julga que as histórias da civilização estão cheias de mentiras, de falsidades, de enormidades e de falta de bom senso. Admira, por exemplo, a história da China, verdadeira exceção no panorama geral, precisamente porque tudo nela é verosímil e natural; aprecia-a porque nada tem de maravilhoso, enquanto outras, seja a de Roma, da Grécia ou da França, estão repletas de aparições, oráculos, prodígios, sortilégios, sonhos e metamorfoses, e deuses transformados em homens e homens endeusados, a tal ponto que o protagonista (isto é, Voltaire) exclama: “Ah! Se precisamos que nos contem histórias, pois que ao menos sejam o emblema da verdade! Aprecio as dos filósofos, ...”⁴⁴. A *História Verdadeira* de Luciano, Voltaire incluía-a certamente entre as dos filósofos.

c) De igual modo, o conto *Candide ou l'optimisme*, conto filosófico apesar de compreender um texto relativamente extenso, nada habitual neste autor, é também um romance de iniciação apresentado sob a forma de um enorme “périplo por terra e mar” durante o qual o herói, Candide, e alguns dos seus acompanhantes vivem estranhas aventuras e sofrem as mais odiosas desventuras. A viagem é, pois, mais uma vez, a forma exterior da narração, e o texto em si é identificado pelo subtítulo como tratando-se tão somente de uma tradução do alemão de um texto do Sr. Doutor Ralph, com adições encontradas no bolso do Doutor por altura da sua morte em Minden, no ano da Graça de 1759. História “mais que verdadeira”, pois nem sequer é da lavra do

⁴³ O espírito lucianesco é aqui mais do que evidente na forma como Voltaire ridiculiza a crença cristã na “fé que pode mover montanhas” (Lucas, XI, 23), e que o autor aqui interpreta à letra para denunciar o que, para o deísta Voltaire, é mais um absurdo da Fé revelada.

⁴⁴ Voltaire, *Ingénu*, éd. Bordas, Paris 1984, p. 60.

autor, de quem podíamos desconfiar, mas antes do Doutor Ralph – que ninguém conhece –, que morrerá em Minden em 1759 – cidade onde a França foi vergonhosamente batida durante a guerra dos sete anos. Verdadeira ou falsa? Tão falsa, ou fantasiada no seu todo, como o mais conhecido dos seus episódios – a chegada do herói Candide e do seu amigo Pangloss, a Lisboa em 1755, por mar, e em cujo porto naufragaram; mas tão verdadeira quanto o tremor de terra que nesse ano vitimou um terço da população lisboeta e a que o herói e Pangloss, um filósofo otimista, assistem mudos de incompreensão; mas história tristemente mais que verdadeira a julgar pela descrição do que aí lhes acontecera; foi assim:

“Depois do tremor de terra que destruíra três quartos de Lisboa, ‘os sábios’ do país acharam que o meio mais eficaz para evitar a ruína total era oferecer ao povo um belo auto-de-fé; foi, pois, decidido pela Universidade de Coimbra que o espectáculo de algumas pessoas queimadas em lume brando, com grande pompa, era segredo infalível para impedir que a terra voltasse a tremer [...]”. Deste modo, alguns condenados, e entre eles os nossos heróis, marcharam em procissão, [...] ouviram um sermão muito patético, seguido de bela música (certamente o *Miserere*). Candide foi espancado ao ritmo, enquanto se cantava”; outros dois homens foram queimados e o filósofo foi enforcado. Ora, “no mesmo dia a terra voltou a tremer fazendo um estrondo **medonho**”.⁴⁵

Luciano não podia, por certo, ter descrito, nem sequer imaginado, tais cenas – não havia autos-de-fé no seu tempo nem uma catástrofe como esta se lhe afigurava possível –, mas o espírito de ódio ao fanatismo é o mesmo: com efeito, se Luciano afirma que vai contar uma série de patranhas puramente inventadas, também Voltaire não só atribui o seu texto a alguém que nunca existiu como, ao referir-se a este conto, diz tratar-se de “un petit roman”, “une espèce de petit roman”, “une plaisanterie”; mais tarde, face à condenação oficial que o sucesso, enorme, lhe trouxe, Voltaire nega ser o autor de semelhante “coïonnerie”⁴⁶. Uma “**estupidéz**”, seja, mas cuja estultice é puramente fingida e claramente portadora de uma acerba crítica finíssima. Um texto cuja arma imparável é o humor e cuja lâmina é a mais cortante de todas: a ironia Voltairiana com tantas afinidades com o característico “spudogueloion” de Luciano.

⁴⁵ Voltaire, *Candide*, Lib. Larousse, Paris 1990, chap. 6, pp. 57-58.

⁴⁶ Voltaire. Correspondance: «Il faut avoir perdu le sens pour m'attribuer cette coïonnerie».

Por conseguinte, do ponto de vista temático, mais do que imitação, existe entre Voltaire e Luciano esta espécie de analogia que se nos afigura bem mais importante do que o facto de, em alguns textos, Voltaire fazer alusões directas a personagens e a episódios de Luciano⁴⁷. Mais do que imitá-lo, Voltaire faz de Luciano um precursor das Luzes, um autor empenhado na luta contra a superstição; faz dele um autor actual e um precioso testemunho da civilização do seu tempo.

* *

Assim, relativamente aos autores, se em Thomas More, Rabelais, Cyrano e mesmo Voltaire é clara e às vezes directa a imitação do autor grego, já o mesmo se não pode dizer de Swift, Holberg e outros; na verdade, se conheciam Luciano, em grego ou em tradução, estes autores conheciam, e muito bem, as obras dos imitadores, não se sabendo mais a partir de onde o seu lucianismo é imitação de Luciano ou de Thomas More, ou de Rabelais, ou de Voltaire.

Quanto ao género em si, apesar de por vezes a “viagem imaginária/fantástica” não conter qualquer referência a Luciano, existe nele um claro ramo lucianesco que, como vimos, singrou, em França e não só, nos séculos XVII e XVIII, onde cada autor desenvolve a seu modo a forma ou a matéria do autor Grego. Estimulada pela realidade ambiente de cada época e por aquela que cada escritor alimenta dentro de si, partilhada entre a criação puramente inventiva e o olhar crítico sobre o real circundante, sem deixar de reproduzir formas mais ou menos fixas, mas inventando sempre algo de novo, a “viagem imaginária” é, pelo menos desde Luciano de Samóssata, tal como a imaginação que lhe dá o ser: sempre flutuante; entre a imitação e a perpétua expansão criadora.

Quer consideremos Luciano como o verdadeiro imitado ou simplesmente um parente ancestral, em Luciano como em Voltaire, estas fantasias, mesmo quando emergem da mais pura invenção, sempre se revelam tão preñes de significado que bem podemos falar de “histórias mais que verdadeiras”.

⁴⁷ Cf. Mat.-Hasquin, *Op. cit.*, p. 98 sq.